

12 cop. P. 153

Alfredo Bosi

CÊU, INFERNO

Ensaio de crítica literária e ideológica

Coleção Espírito Crítico

Conselho editorial:

Alfredo Bosi

Antonio Candido

Augusto Massi

Davi Arrigucci Jr.

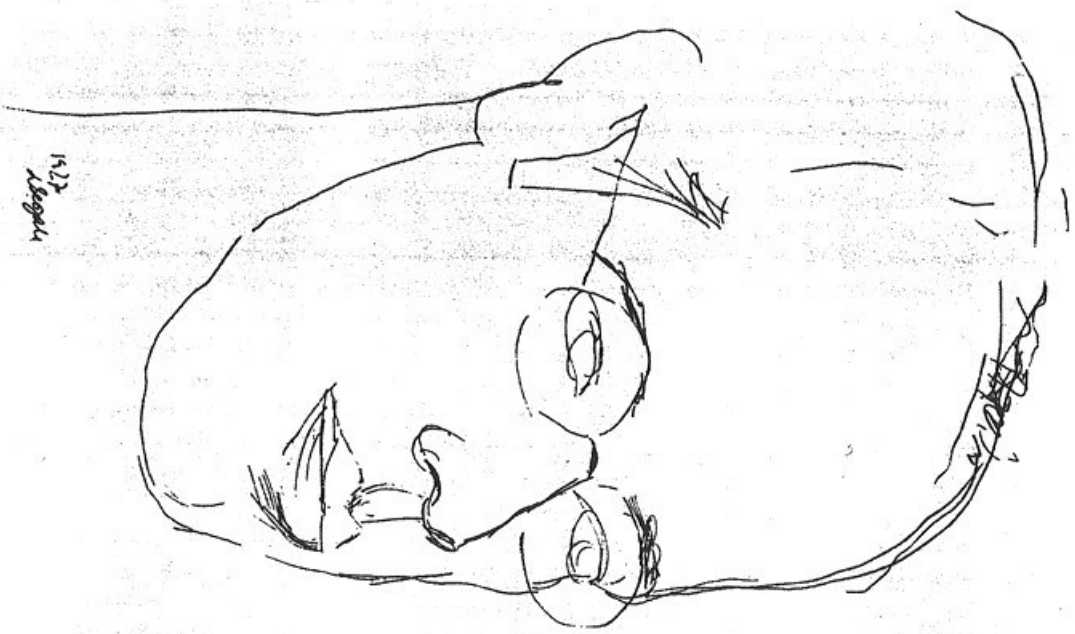
Flora Süsskind

Gilda de Mello e Souza

Roberto Schwarz

 Livraria
Duas Cidades

editora ■ 34



Situação de Macunaima

“Oh, doce amiga, é certo que seríamos felizes
Na ausência deste calamitoso Brasil...”

Mário de Andrade, “Poemas da amiga”

O nome da rapsódia é *Macunaima*, mas não é só Macunaima. Mário de Andrade quis dizer alguma coisa do seu protagonista e acrescentou ao título um atributo paradoxal: *o herói sem nenhum caráter*. No epílogo volta a intenção de qualificá-lo: “[...] eu botei a boca no mundo cantando na fala impura as frases e os casos de Macunaima, herói de nossa gente”.

Em ambas as construções há de comum o nome e o epíteto fundamental. O nome, Macunaima, centro da rapsódia. O epíteto, *herói*. A diferença está na cauda de cada proposição: no começo, *sem nenhum caráter*; no fim, *de nossa gente*.

O que se pode inferir, analisando as citações, é a presença viva, no autor, de duas motivações tão fortes que se converteram em molas da composição da obra:

a) por um lado, o desejo de contar e cantar episódios em torno de uma figura lendária que o fascinara pelos mais diversos motivos e que trazia em si os atributos do *herói*, entendido no senso mais lato possível de um ser entre hu-

Mário de Andrade (1893-1945), em bico-de-pena
realizado por Lasar Segall em 1927, um ano antes da publicação
do romance *Macunaima: o herói sem nenhum caráter*.